

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades
4 a 6 de agosto de 2014
Universidade Federal do Espírito Santo
GT - Africanidades e Brasilidades em Literaturas

**Cabo Verde narrado em *Caleidoscópio*:
anotações sobre a cartografia afetiva
de Maria Helena Sato**

Amarino Oliveira de Queiroz ¹

As relações literárias e culturais Brasil - Cabo Verde encontram importante espaço de pesquisa, análise e discussão no trabalho que vem desenvolvendo, já há algum tempo, a Professora Simone Caputo Gomes, referência de leitura obrigatória quando pensamos na construção de uma fortuna crítica brasileira da literatura cabo-verdiana. Somando-se a esse labor e pensando em nomes recentes como o do crítico Ricardo Riso, outros estudos vêm estabelecendo um diálogo ascendente com as letras do arquipélago, dando a conhecer, sobretudo aos leitores brasileiros, autoras e autores cabo-verdianos contemporâneos que, lamentavelmente, ainda não gozam de muita visibilidade em seu próprio lugar de origem.

Por outro lado, sabe-se que a história literária do país insular é marcada por momentos em que essa relação com o Brasil se tornou mais evidente pelo surgimento da corrente intitulada Pasargadismo e a influência exercida por poetas

¹ Doutor em Teoria da Literatura pela UFPE, com Tese sobre as Literaturas Africanas de Línguas Portuguesa e Espanhola. Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: amarinoqueiroz@yahoo.com.br

como Manuel Bandeira sobre a poesia cabo-verdiana; através da proposta estética e política que caracterizou o Regionalismo de 30 no Nordeste brasileiro e suas importantes reverberações na produção literária das ilhas; ou, ainda, nas aproximações que podem ser feitas entre a música popular e as poéticas da oralidade de ambos os países, como é o caso da *konbersu sábi*², das toadas de aboio ou *colá-boi*³ e das *kurkutisans, rodrigas* ou *rafodjos*.⁴

Amparados nessas prerrogativas, é objetivo deste artigo sinalizar alguns mirantes ao longo da ponte que se vem edificando também a partir de autores cabo-verdianos radicados no Brasil, a exemplo de Luis Romano, num passado não muito distante, ou de Maria Helena Sato e de Pedro Matos, que mais recentemente nos brindou com a coletânea de poemas intitulada *Midju di Fogu*, igualmente evocativa de uma memória cultural particularizada em sua terra natal, a Ilha do Fogo. Deflagrada, como dissemos, a partir do Brasil, a escrita desses autores faz fluir, pela via da ficção, do ensaio e da poesia um trânsito literário de mão dupla cada vez mais intenso entre dois países tão próximos e, ao mesmo tempo, ainda aparentemente tão distanciados.

Se quisermos pensar em termos de uma cronologia dessa escrita literária de autores cabo-verdianos realizada no Brasil, os textos de Maria Helena ficariam, talvez, numa posição intermediária frente àquela representada pelos dois outros nomes anteriormente referidos: Luis Romano e Pedro Matos, sobre quem passaremos a tecer algumas considerações.

Parceiro de Maria Helena Sato em pelo menos uma obra ensaística e responsável pelos comentários de contracapa em *Areias e Ramas*, livro de

² *Konbersu sábi*: espécie de desafio em versos do arquipélago cabo-verdiano. Caracteriza-se pela reunião entre dois cantadores que se provocam mutuamente, à maneira dos torneios de insulto árabes, das cantigas de escárnio e mal dizer portuguesas ou de algumas modalidades da cantoria do Nordeste brasileiro, com o objetivo de provocar o riso da assistência através do jogo de palavras versificadas em duplo sentido.

³ As toadas de aboio ou *colá-boi* são cantos de trabalho semelhantes àqueles praticados pelos vaqueiros aboiadores nordestinos. Característicos em Santo Antão e na Brava, estão caindo em desuso.

⁴ O *kurkutisan* consiste numa forma de repente em versos característico da ilha do Fogo. É um desafio desenvolvido por duas cantadeiras ou cantadores em torno da sátira social, também conhecido como *rodriga* ou *rafodjo*.

poemas escrito e publicado por Sato no Brasil em 2006, Luis Romano de Madeira Melo nasceu em 1922, na ilha de Santo Antão. Militante da causa pró-autonomia de Cabo Verde, foi perseguido pela polícia política portuguesa e exilou-se no Brasil na década de 60, mais precisamente em Natal, onde desenvolveu intensa atividade intelectual como ficcionista, poeta, etnógrafo e crítico literário, sempre mantendo importantes contatos em nosso país e no exterior. Chegou a ser cônsul de Cabo Verde no Brasil, após a independência do arquipélago. Pese a sua importância para as letras, a política e a História cabo-verdianas, com o estabelecimento uma expressiva ponte cultural de mão dupla entre os dois países, faleceu na capital potiguar em janeiro de 2010, praticamente ignorado. Em comentário que se fez registrar na primeira edição do livro de poemas *Areias e Ramas*, Luis Romano identificaria

Adorável “segredo”, até então guardado pela Literoverdiana e Poetisa Maria Helena Sato. Pela raridade temática e alcance espontâneo, resultou eclética poesia, viva até alcançar tecedura de singular contexto lírico, sem sacrifício da harmonia em si. Talvez sem se aperceber, a Poetisa levante informal parcela íntima de sonhadora polígrafa, através da qual se poderá avaliar desmedida extensão sentimental concentrada numa criatura invulgar; reflexo de combinações peregrinas d’além terras e mares. (ROMANO, 2006, contracapa)

Tal como num giro de caleidoscópio, estas “combinações peregrinas” às quais alude Luis Romano remetem-nos à trajetória intelectual e ao próprio movimento empreendido pelo escritor Pedro Andrade Matos desde a sua ilha natal até o Brasil, para onde veio com o objetivo de dar continuidade aos estudos, em Belo Horizonte, bacharelando-se na área de Relações Internacionais. Em seguida, enveredou pelo Mestrado em Ciência Política e Doutorado em Relações Internacionais, inaugurando, ainda, uma promissora carreira literária. Seu livro de estreia, *Midju di Fogu – “Azágua” e outras memórias de Cabo Verde*, de 2010, recebeu comentários laudatórios por parte de Simone Caputo Gomes:

Midju di Fogu, de Pedro Matos, cabo-verdiano da Ilha do Fogo, desenvolve-se em torno de um macrotema: as tradições do arquipélago de Cabo Verde a partir do cenário da ilha mãe do autor, a ilha do Vulcão. Pelos meandros do texto, o vinho *Manecon* brota das uvas nascidas em meio à pedra negra e vulcânica que domina as paisagens áridas, entre mar e rochedos

[...]. A coragem do povo vence a seca e a fome que com ela vem num país agrário (“na despensa não há milho”), entregando-se à sementeira (às vezes em pó, sem um pingo de chuva), na esperança da *azágua* (tempo de boas chuvas). (CAPUTO GOMES, 2006, contracapa).

Em estudo analítico sobre a obra em questão, o crítico Ricardo Riso (2001b) promove novos giros do caleidoscópio ao afirmar que, na poesia que Pedro Matos fez registrar em *Midju di Fogu*,

O drama da seca que “seca a minha alma”, da emigração forçada, do mar que “partilha a alegria daqueles que vão e voltam,/ transbordando nos calhaus as mágoas/ dos que foram e não voltaram” e tantas outras experiências do cabo-verdiano recriadas na poesia de Pedro Matos desvelam a saudade de um poeta que, longe de seus pares, mostra o seu apego à sua terra, por vezes madrasta, mas para sempre materna, e fazem da leitura de “Midju di Fogu”, por sinal, o milho como metáfora de perseverança, um singelo aprendizado da indescritível capacidade de resistência desse povo. (RISO, 2011b, p. 21)

Essa inaugural sementeira a que se referiu Simone Caputo Gomes foi “inspirada na condição diaspórica do autor” (RISO, 2011b) e vem adensar o trânsito pela ponte cultural estendida entre o Brasil e o arquipélago de Cabo Verde. Por ela transitaram, transitam e transitarão decerto - entre outros autores, tal como bem o fizeram e fazem Cesária Évora ou Mayra Andrade na música popular - os escritores Luis Romano e Maria Helena Sato. Sobre as vozes de Pedro Matos que ecoam em *Midju de Fogu*, talvez assim cantasse o sujeito lírico de Maria Helena Sato:

Pedro viajou,
viajou,
viajou
e voltou.
Hoje, pega
carona:
Conta histórias
sem sair
do lugar!
(SATO, in “Emigrante”, 2006, p.117)

Algumas referências biográficas dão conta de que Maria Helena Caldeira Marques de Moraes Sato nasceu na ilha de São Vicente, em Cabo Verde. Graduada em Letras e radicada em São Paulo há alguns anos, além de escrever poesia, prosa e ensaio dedicou-se, entre outras atividades, à área de Comunicação, onde realizou mestrado, bem como ao trabalho de tradução juramentada envolvendo as línguas espanhola, francesa e inglesa. Escreveu e lançou em nosso país alguns livros individuais de poesia, prosa e ensaio, além de figurar em *Cabo Verde - Antologia da Poesia Contemporânea*, coletânea organizada por Ricardo Riso em 2011, pesquisador que também lhe dedicou algumas apreciações críticas, publicadas tanto em Cabo Verde como no Brasil.

Caleidoscópica, a obra literária de Maria Helena Sato carece, no entanto, de maior atenção por parte dos estudos desenvolvidos em nosso meio acadêmico, sejam eles dedicados à literatura cabo-verdiana ou não, justamente pelas singularidades que encerra, abrangendo experiências estéticas que vão dos versos livres ao poema em prosa, passando pela narrativa curta e o ensaio até os haicais e os sonetos clássicos. São recorrentes também, na obra de Maria Helena Sato, referências a autores cabo-verdianos e estrangeiros. Em seu poema “Arquipélago”, por exemplo, já a partir do título dialoga com a inaugural coletânea poética lançada pelo conterrâneo Jorge Barbosa em 1935:

Dez lágrimas,
únicas,
transbordam.
As demais
cabem nos mapas.
(SATO, 2006, p. 69)

No poema em questão, extraído da supracitada antologia *Areias e Ramas*, a voz lírica de Maria Helena Sato metaforiza em lágrimas as dez ilhas que compõem o arquipélago cabo-verdiano. Essas lágrimas, entretanto, por serem únicas e já não caberem em si mesmas, fluem, subjetivadas pelo signo do transbordamento. Tal situação acusa a ultrapassagem do lugar ocupado pelas ilhas no recorte comum dos mapas, fazendo com que cada linha de versos redesenhe e deflagre uma cartografia diversa, dolorosa e afetiva, mas igualmente

caleidoscópica, onde memória e imaginação se confundem e se suplementam. Nessa perspectiva, Ricardo Riso identifica em Maria Helena Sato

uma *poiesis* madura, de amplo domínio da versificação livre, da brevidade dos versos, das formas curtas como o haicai e as quadras, assim como do soneto clássico e da poesia em prosa. Diversidade a serviço da recriação de temáticas consagradas na literatura cabo-verdiana, por uma pena diaspórica que a partir da distância, da sua insularidade, recorre à memória das ilhas para transformá-la em poesia (RISO, 2011c, p. 27).

Assim, pois, em outras passagens de *Areias e Ramas*, esse remapeamento vai se delineando pouco a pouco, dando lugar a pequenas histórias individuais e coletivas, reabilitadas no encontro entre realidade e imaginação criadora, exaltadas com lucidez e delicadeza poética nas considerações iniciais que a própria autora tece ao longo da apresentação do livro:

Nessa evidente identidade cartográfica, e na intenção de arrastar a presença das Ilhas através do globo terrestre, tornando-as mais do que um lugar no mapa (ou na alma), elaborei, longe de Cabo Verde, os poemas desta coletânea. Escrevi-os com a tênue tinta das águas do mar. Por papel, tenho a alma; tange a música de fundo a memória. (SATO, 2006, p. 20)

Esse sujeito lírico em constante movimento pelas ilhas da memória e da imaginação aponta para a própria realidade da autora, conforme ela mesma deixa entrever do anunciado entre-lugar que ocupa desde Cabo Verde até o Brasil, e do Brasil até Cabo Verde e o mundo. Uma identidade dividida entre, pelo menos, dois pertencimentos que dialogam e que se retroalimentam permanentemente, mas que buscam harmonizar-se também no aceno de uma recorrente palavra poética cabo-verdiana tomada como referência:

A evolução da poesia nas ilhas de Cabo Verde tem apresentado multifacetado sotaque. São as ilhas que recebem estrangeiros e também enviam passageiros para terras distantes. Por vezes, esses passageiros se tornam cavalheiros e damas de outras ilhas ou de continentes. Aconteceu com Manuel Lopes. Com Luis Romano. E, mesmo assim, essa característica não é exclusiva de

ilhéus. É carimbo na alma de emigrantes, sejam eles provenientes de ilhas ou continentes. (SATO, 2006, p.19)

Apoiando-nos na leitura crítica inicial empreendida por Ricardo Riso em torno do universo literário cabo-verdiano a partir da análise de outro livro de Maria Helena Sato, *Caleidoscópio*, de 2009, percebemos que a visita aos mitos de origem consiste num tema recorrente ao longo da trajetória literária de Cabo Verde. Segundo Riso (2011a, p. 24), esta referência é flagrante desde o Jardim das Hespérides ⁵ revisitado por autores veteranos como José Lopes e Pedro Cardoso, “passando pelo telurismo épico e heróico de Corsino Fortes e Timóteo Tio Tiofe até as díspares experiências contemporâneas” que vêm tendo lugar nas letras do arquipélago.

Valendo-se da mitologia iorubana através do gesto sagrado de Obatalá, orixá superior que criou a Terra e os seres humanos, tendo participado da modelação de seus corpos físicos a partir do barro (LOPES, 2004, p. 486), o escritor Germano Almeida recomporia, por sua vez, uma versão mítica para a origem do arquipélago natal: supostamente desabitadas até 1460, data da chegada dos colonizadores lusitanos àquele território, a existência das ilhas de Cabo Verde aparece justificada como poética obra do acaso, decorrente de um mero gesto de distração divina:

Conta-se que Deus já tinha acabado de fazer o mundo e distribuído as riquezas que deveriam alimentar os seus filhos que nele ia colocando, negros na África, brancos na Europa, amarelos nas Ásias e Américas, quando reparou nas suas mãos, ainda sujas de restos de barro. Sacudiu-se ao acaso no espaço, mas, pouco depois, viu pequenas ilhas brotando algures perto da África. (Almeida, 1998, p. 11).

Devido à sua privilegiada localização geográfica, bem no "centro do mundo", conforme registrou Germano Almeida em “Cabo Verde é o centro do mundo”, o pequeno país insular funcionou durante séculos de empresa colonial

⁵ Referência à mitologia grega, o Jardim das Hespérides era o lugar onde habitavam ninfas homônimas que, por sua vez, personificavam o final da tarde, a transição entre os períodos diurno e noturno.

portuguesa como entreposto de escravos provenientes da África e reconduzidos ao continente americano. Configurava-se, assim, para dizê-lo com palavras de Daniel Spínola (2004, p.1), um "importante laboratório de língua e de aculturação, com a ladinização dos escravos destinados às outras colónias e ao povoamento das ilhas", fomentando "a abertura e receptibilidade ao diferente, ao estranho, que ao longo do tempo se traduziu numa capacidade de assimilação e moldagem do alheio". Isto explicaria, por exemplo, ainda segundo Spínola, "a singularidade de algumas manifestações culturais em que se notam, claramente, laivos da África e da Europa, ao mesmo tempo em que delas se distancia", evidenciando nesse encontro a convivência do legado cultural ibérico com a atividade griótica da herança negro-africana.

Também na atualidade, tomando por referência textos como a "Ó de Ceia das Ilhas", de Filinto Elísio, "O Nascimento de um Mundo" de Mário Lúcio Sousa e a "Parábola do Castro Sofrimento", de NZé dy Sant'Y'Águ, um dos heterônimos de José Luis Hopffer Almada, observa-se que essa recriação poética das origens busca encontrar, ainda segundo Riso (2011a, p.24), um lugar "a partir de referenciais universais distantes do colonizador português", tal como se discutira em Germano Almeida um mito fundador cabo-verdiano e como sugerirá, em alguns momentos, a prosa de Maria Helena Sato.

Nas narrativas curtas colecionadas em *Caleidoscópico*, sem a preocupação de "resgatar memórias nem explicar o que a História não preencheu" (SATO, 2009, p. 10), a autora inscreve seus textos de econômicas e precisas palavras diversificando conteúdo e forma, ora fazendo uso de haicais, ora entremeando aos textos em português vocábulos extraídos da língua cabo-verdiana, num movimento que, caleidoscopicamente, tanto se aproxima como se distancia dos referenciais relacionados à experiência colonial.

Compõem o livro dez relatos dedicados às dez ilhas que integram o arquipélago. Neles, com eles e através deles, investindo numa escrita deliberadamente poemática, o sujeito narrativo em Maria Helena Sato concentra e distende novamente seu olhar sobre algumas histórias originalmente assimiladas na infância, por transmissão oral, nelas refundando a origem mítica de cada uma

das ilhas cabo-verdianas. Conforme bem observou Ricardo Riso (2011a, p.24), Maria Helena Sato “rememorou com extrema habilidade narrativa as histórias contadas por sua avó acerca das origens das ilhas”, acrescentando a este exercício outras referências literárias, “o que tornou os textos híbridos entre o ficcional e os mitos universais e do ilhéu”. Assim,

os contos dedicados às Ilhas de São Nicolau e Santiago exemplificam essa associação proposta pela autora ao narrar como os nomes dos santos nomearam as ilhas. Na primeira, a ilha servia de entreposto para Papai Noel distribuir seus presentes até ser descoberto que seu nome era Nicolau, enquanto para Santiago narra-se que a ilha seria um possível lugar para os reis magos esconderem o nascimento de Jesus Cristo de seus perseguidores, sendo Tiago o responsável para os preparativos do local.

O ficcional se dá na bela metáfora da persistência, perseverança e coragem do ilhéu para vencer as adversidades e os poucos recursos originam o nome da Ilha Brava, assim como a singela e inusitada origem para a Ilha de Santa Luzia. O resgate de tradições surge para a Ilha do Sal, já que o processo de salgar o peixe e assim conservá-lo é retomado para evitar desperdício em tempos de pesca farta. A revisitação do passado escravocrata da Ilha do Fogo é retomado a partir de uma revolta em 1680, tendo a morte de seu líder, os seus olhos vermelhos e o seu sangue em analogia às lavas do vulcão (...).

Para Santo Antão, o criativo conto apresenta o imaginário encontro do pirata Tom Bans e Bashô, o mestre do haicai, para demonstrar o acolhimento da ilha com os imigrantes. (...) O cosmopolitismo da Ilha de São Vicente aparece na excêntrica tripulação de um navio formada por ícones de diversas artes, desde personagens literários (Hercules Poirot) e seus criadores (Agatha Christie), poetas (Camões), mágicos (David Copperfield) e artistas (Leonardo da Vinci). (RISO, 2011a, p.24)

Não deixando de fazer alusões a temas comuns a cada uma das ilhas cabo-verdianas, “tais como a escassez das chuvas, a emigração forçada, a origem escravocrata dos negros, a pesca e os dramas do pescador”, Ricardo Riso conclui sua análise asseverando que, ao aliar “oralidade e escrita, tradições locais e referências universais”, Maria Helena Santo mantém, numa 11ª ilha, a sua caboverdianidade plena associada a um “sujeito contemporâneo deslocado”, mas “completamente incorporada como cidadã do mundo”.

De modo assemelhado àquele desenvolvido ao longo do livro de poemas *Areias e Ramas*, redesenha-se, pois, nesse *Caleidoscópio*, o lugar que uma vez mais a autora situa entre a poesia e a prosa as recorrências à oralidade, à memória e à imaginação. São estes alguns dos elementos que refundam e avivam o particular traçado das ilhas de Sato e sua regeografia amorosa em estado de palavra.

Como se sabe, na acepção mais usual, o substantivo masculino caleidoscópio refere-se àquele aparelho da Física utilizado na obtenção de imagens multiplicadas simetricamente em espelhos inclinados, dispostos no interior de um cilindro fechado. Ao ser movimentado, o objeto vai apresentando diferentes combinações de formas e cores luminosas, produzindo um efeito visual agradável e interessante para quem observa as imagens através do visor. Proveniente da associação entre os vocábulos gregos *kállos* (belo), *eîdos* (forma, imagem) e *skopein* (ver), o termo composto denota, portanto, a possibilidade de ver e admirar o conjunto de formas e imagens belas que vão se sucedendo, mudando, se transformando. Assimiladas como metáfora da escrita literária de Maria Helena Sato, essas combinações de narrativas em prosa e verso vão se adensando aos olhos e revelando, nos giros sucessivos da leitura, nuances da caleidoscópica expressão que permeia a obra da autora.

Somando-se, pois, à aventura de tantos outros autores e autoras de Cabo Verde, a movimentada cartografia afetiva que Maria Helena Sato insere a partir do Brasil faz reemergir, num tempo pleno de afetos, cada uma de suas ilhas narradas em poético diálogo com o mundo:

Palavras
escritas
são marcas na areia,
não precisam durar.

Mas trilhas de afeto
incandescem –
e mesmo
se viram lavas,
acolhem pouso de pássaros,
ou brilham,
faróis além-mar.

(SATO in “Documentos”, 2006, p. 95)

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Germano. “Cabo verde é o centro do mundo”. In: **Estórias contadas**. Lisboa: Caminho, 1998.

BARBOSA, Jorge. **Arquipélago**. Praia: Editorial Claridade, 1ª Ed., 1935.

CAPUTO GOMES, Simone. Comentário de contracapa. In: MATOS, Pedro. **Midju di Fogu – Azágua e outras memórias de Cabo Verde**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

LOPES, Nei. “Obatalá”. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004, p.486.

MARCOS, Eidson M.S.; QUEIROZ, Amarino Oliveira de. “Interfaces Literárias Cabo Verde - Rio Grande do Norte: ficcionalização da História em *Famintos*, de Luis Romano e *Os Brutos*, de José Bezerra Gomes”. In: **Revista Rascunhos Culturais**. Coxim-MS: Editora da UFMS, V.7, jan-jun-2013, pp.75-88.

MATOS, Pedro. **Midju di Fogu – Azágua e outras memórias de Cabo Verde**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

RISO, Ricardo. (Org). **Cabo Verde – Antologia da Poesia Contemporânea**. Rio de Janeiro: Revista África e Africanidades - Ano IV - n. 13, 2011.

RISO, Ricardo. “Maria Helena Sato – Caleidoscópio”. Resenha crítica. In: **A Nação**, nº 208. Cabo Verde, 25 de agosto de 2011a, p. 24.

RISO, Ricardo. “Pedro Matos – Midju di Fogu”. Resenha crítica. In: **A Nação**, nº 204. Cabo Verde, 28 de julho de 2011b, p. 21.

RISO, Ricardo. “Maria Helena Sato – Areias e Ramas”. Resenha crítica. In: **A Nação**, nº 202, de 14 de julho de 2011c, p. 27.

ROMANO, Luis. Comentário de contracapa. In: SATO, Maria Helena. **Areias e Ramas**. São Paulo, Subiaco, 2006.

SATO, Maria Helena de Moraes. **Caleidoscópio**. Juiz de Fora – MG: Mosteiro de Santa Cruz, 2009.

SATO, Maria Helena de Moraes. **Areias e ramas**. São Paulo: Subiaco, 2006.

SPÍNOLA, Daniel. “A cultura cabo-verdiana e sua raízes etno-culturais”. Disponível em: <http://caboverde.vozdipovo-online.com/content/view/19/37/1/59/>, em formato PDF. Acesso em: 10 jul 2004.